

Ciência substitui intimidação

Considerada uma das mais preparadas e equipadas polícias do País, a Polícia Civil do Distrito Federal vem se notabilizando pela sua efetividade nos aspectos técnico e científico, que têm ajudado a instituição a elucidar ocorrências criminais e, por conseguinte, chegar aos autores dos crimes.

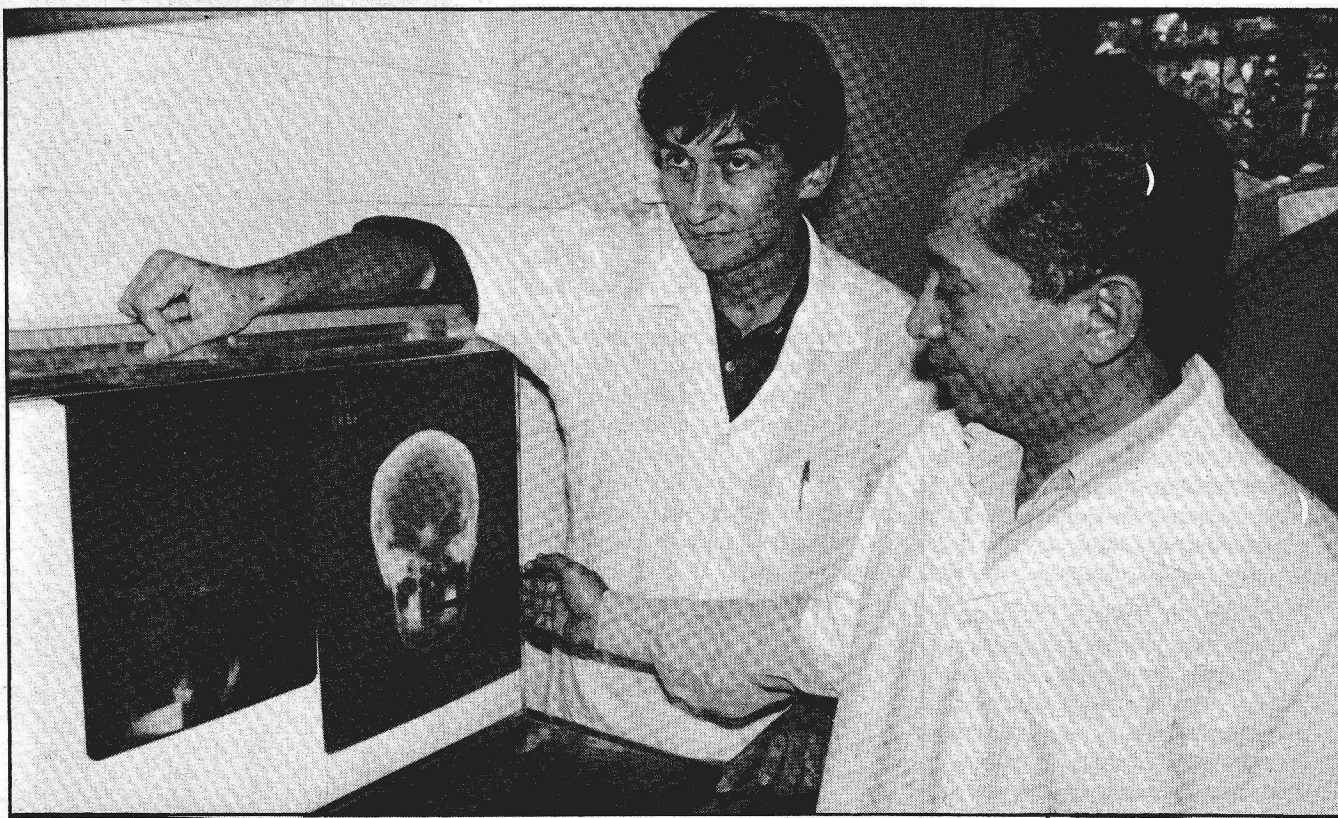
De acordo com o coordenador de Polícia Técnica, delegado Eloy Nonato da Silva, a polícia científica é o caminho a ser trilhado por todas as polícias do mundo, já que não cabe mais, dentro dos parâmetros da sociedade moderna, a investigação subjetiva e o interrogatório feito através da força.

“O avanço tecnológico é muito importante para a polícia técnica, pois, através dele, vamos conseguir as provas para podermos realizar um bom trabalho de investigação”, explica o delegado Eloy, afirmando ainda que a Polícia Civil do DF tem vários projetos a serem viabilizados e que estão tramitando na Secretaria de Segurança Pública e sendo analisados pela Fundação de Apoio à Pesquisa (FAP).

O primeiro projeto diz respeito à implantação de um laboratório de DNA para análise forense; e o segundo prevê a aquisição de aparelho para reconhecimento de vozes, muito útil nos casos de seqüestro. Este último já teve parecer favorável dos técnicos da Universidade de Campinas (Unicamp), restando apenas que o Governo do Distrito Federal conceda os recursos.

Mesmo com todas as dificuldades em conseguir recursos para manter os trabalhos da Polícia Civil em um nível satisfatório, a Coordenação de Polícia Especializada (CPE), que abrange os institutos de Medicina Legal, de Criminalística e de Identificação, presta à sociedade de Brasília serviços comparados aos dos países do Primeiro Mundo, que têm por base polícias de investigação técnica e científica, que há muito tempo abriram mão de instrumentos ultrapassados, como a tortura ou a intimidação, que tinham por objetivo “arrancar” a confissão do suspeito de um crime.

Para que a Polícia Civil continue o desenvolvimento de seus trabalhos é necessário, segundo o delegado Eloy Nonato da Silva, que ela tenha os meios e os instrumentos legais para poder agir em defesa da sociedade. “Com os projetos que estão sendo analisados na Fundação de Amparo à Pesquisa, daremos um grande passo para auxiliarmos a Justiça no que diz respeito ao levantamento de autoria de crimes”.



Computadores da Polícia Técnica ajudam a identificar ossadas através da superposição de imagens

Exame de DNA é eficiente e seguro

O exame de DNA é talvez a mais importante descoberta científica dos últimos tempos, particularmente para a área de investigação científica das polícias do mundo inteiro. Este método de investigação permite que os técnicos da Polícia Civil tenham a probabilidade de acerto em 99,9% dos casos em que o suspeito não teve ainda sua culpa confirmada.

Este exame, de alta precisão para a identificação de pessoas vivas ou mortas, necessita apenas de um molécula como vestígio humano para que a pessoa, objeto de investigação, seja identificada através de análise do seu código genético. Utiliza-se habitualmente vestígios de secreções biológicas, tais como: fios de cabelo, gota de sêmem, saliva, sangue, fragmentos de pele ou unha, entre outras provas.

Na área cível, o grande emprego do método de identificação pelo DNA prende-se, sobretudo, nas identificações de crianças em berçários (casos de troca), investigação de paternidade e determinação de pessoas nas causas de herança, orfandade e sucessões. As identificações mais modernas são feitas através da superposição de imagens, com o auxílio de um computador.

No caso de Ana Elizabeth,

mulher do economista e ex-funcionário do Congresso, José Carlos Alves dos Santos, que denunciou o escândalo na Comissão de Orçamento, que foi morta e enterrada pelos assassinos, o exame de DNA foi o responsável pela identificação do cadáver. Para elucidar a dúvida, fez-se a comparação pela superposição de imagens no computador de pontos craneométricos determinados previamente na fotografia e radiografia da vítima em vida, com pontos que foram coincidentes no crânio.

“É o método mais avançado tecnologicamente hoje em dia”, afirma Paulo Diniz, diretor do Instituto Médico Legal. Segundo o diretor, o exame de DNA apresenta provas tão contundentes, que é quase impossível haver margem de erro.

Diniz lembrou, ainda, do caso de paternidade e herança do filho do ex-presidente João Goulart concebido fora do matrimônio. Esse filho, até então desconhecido, foi à Justiça reivindicar parte da herança do ex-presidente. Os herdeiros legítimos questionaram a reivindicação, e foi necessário que se realizasse o exame de DNA. Feito o exame, ficou provado que o rapaz era filho de Goulart, portanto com direito à parte da herança.

Com a balística fica mais fácil elucidar crimes

Balística é um ramo da física que estuda os projéteis no espaço. Mas este ramo da física pode ser de grande valia para a Criminalística, particularmente para a balística forense (analisa projéteis de armas de fogo), que tem por objetivo desvendar casos de disparo de armas e com isso ajudar a Justiça.

O perito criminal Celso Nenevê, da seção de Balística, deixou a Engenharia para trabalhar com balística forense. Com oito anos de profissão, Celso realiza, em média, 10 exames por dia, e, segundo ele, os resultados geralmente são precisos, dificultando em muito que o autor de disparos consiga um álibi, e assim escapar de responder a inquérito e, se for o caso, ser posteriormente julgado.

Celso explicou ainda que a Balística tem seis quesitos principais. O primeiro é a eficiência, que é relativa à eficiência da arma, ou seja, se ela está apta a disparar. Logo depois é feita a pesquisa de nitrato, que determina se a arma disparou. Em seguida, é realizado o confronto balístico, que verifica se um projétil retirado do corpo de uma pessoa, ou retirado do local do crime, foi expelido ou não de uma determinada arma de fogo.

“Depois eu faço, no caso, o Confronto de Picote, que vai dizer se o estojo (bala) foi picotado por alguma arma”, explica o perito criminal, para logo informar que o Exame de Vestes determina a distância na qual a vítima foi atingida pelo projétil. “Depois eu faço o exame de projéteis para verificar incrustações e os tipos de deformações no estojo, com o objetivo de ver se houve reciprocidade, contato, ricochete, por exemplo”.

O perito Celso Nenevê analisa também os disparos acidentais, além de verificar os que acontecem dentro dos quartéis das Forças Armadas.